

GLOBALIZAÇÃO

Rumo a um governo mundial ou uma nova forma de cidadania?

Parte I

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje num mundo em que o acesso à informação é quase instantâneo e a sua quantidade em circulação nunca foi tão grande como agora. Vivemos num mundo em que o que acontece do outro lado do globo entra imediatamente nas nossas casas e influencia as nossas vidas. Vivemos num mundo em constante mutação política, económica, cultural, científica, desportiva e social, com diversos fenómenos até aqui desconhecidos. Vivemos num mundo de novos actores, com papéis diversos. Vivemos num mundo em que o espaço e o tempo são cada vez menores.

Vivemos nesta imensa “Aldeia Global”, em que os exemplos mais marcantes são os recentes acontecimentos trágicos do 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque e Washington, o *tsunami* no Sudeste Asiático e porque não referir também o efeito mediático, nos quatro cantos do mundo, da publicação das caricaturas do profeta Maomé num jornal dinamarquês¹. As novas tecnologias passaram a influenciar a vida de todos nós. Estamos em permanente actualização e a par dos últimos acontecimentos. O objectivo deste trabalho passa por fazer uma breve análise deste fenómeno a que se chama *Globalização* e as suas consequências na forma como os Estados atuam politicamente e na mudança de participação política dos cidadãos nesta Nova Ordem Internacional caracterizada pelo aumento da interdependência, multilateralismo e partilha de soberania. Numa primeira fase iremos abordar a definição e as diferentes vertentes do fenómeno *Globalização*, numa segunda etapa questionámos, a emergência de um governo mundial, dadas as novas formas de participação dos cidadãos e o surgir de uma cidadania global.

¹ A polémica surgiu no mundo islâmico após a publicação de caricaturas do profeta Maomé no jornal dinamarquês «*Jyllands-Posten*» e estão, ainda, a provocar uma onda de reacções de hostilidade às embaixadas da Dinamarca em países árabes, assim como aos seus produtos e cidadãos. Ao mesmo tempo que em vários jornais ocidentais é abordado o tema e republicadas as caricaturas em defesa da liberdade de expressão, tendo sido criado um blog com todos os cartoons (<http://www.face-ofmuhammed.blogspot.com>). Um exemplo do poder e efeito dos *media* nos cidadãos de todo o mundo(islâmico).

GLOBALIZAÇÃO: AS DEFINIÇÕES POSSÍVEIS

A globalização como fenómeno à escala mundial teve na sua génese dois acontecimentos fundamentais: o aparecimento e a rápida expansão das novas tecnologias de informação e, na esfera política, a queda do muro de Berlim, que acabando com a Guerra Fria e o mundo bipolar (dominado pelos EUA e URSS), transformou o mundo num espaço único, sem fronteiras físicas, em que o capitalismo se espalhou comandado pelas empresas multinacionais.

Entre nós, o Dicionário de Relações Internacionais esclarece que a globalização tem origem anglo-saxónica e está associada ao rápido desenvolvimento das diversas relações a nível mundial (económicas, sociais, culturais e políticas) desde o desmoronamento do bloco soviético. Deste modo “a globalização constitui, uma nova etapa na evolução do capitalismo industrial, sucedendo à internacionalização das firmas e capitais. (...)

Segundo a OCDE, a mundialização desenvolveu-se em várias fases, a última das quais, a da globalização (anos 1980), corresponde à instalação de verdadeiras redes planetárias, graças aos progressos da tecnologia e dos serviços. Os Estados tornaram-se cada vez mais interdependentes, prisioneiros do «sistema-mundo». Falar de globalização é evocar a dominação do sistema capitalista sobre o espaço mundial. (...)

Um aspecto crucial no estudo da globalização é a emergência de um sistema mundial ou seja, há razões para se olhar o mundo como uma única ordem social.” (Sousa, 2005: 91)

O Professor Boaventura de Sousa Santos defende que há duas formas de globalização, “a globalização neoliberal e aquilo a que eu chamo de globalização contra-hegemónica, que desde há algum tempo se vem opondo à primeira. Designo por globalização contra hegemónica o conjunto vasto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra as consequências económicas, sociais e políticas da globalização hegemónica. (...) A globalização contra-hegemónica centra-se nas lutas contra a exclusão social.” (Santos, 2005: 1)

Quer se fale em globalização, mundialização ou internacionalização, em todas as definições as características comuns são: a cada vez maior interdependência das economias com o domínio do capitalismo, a redução das distâncias quer em espaço, como em tempo em consequência do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o aparecimento de novos actores na cena internacional que

traduzem uma nova forma de participação cívica dos cidadãos nas questões diárias mundiais. A todos é unânime a ideia que o mundo, que é único, está a ficar cada vez mais pequeno.

A globalização, como fenómeno pós Guerra Fria, está intimamente ligada ao poder político-económico alcançado pelos EUA. A capacidade de concretizar políticas económicas diferentes e autónomas num determinado país ficou seriamente comprometida com a hegemonia norte-americana na segunda metade do século XX. O mundo unipolar trouxe consigo o desaparecimento da vertente territorial da soberania dos estados e de forma mais subtil a adulteração cultural dos povos pela massificação dos estereótipos sociais do primeiro mundo a todo o planeta, imposta pelos *mass media* e pela forte pressão da sociedade de consumo.

Os acordos comerciais assinados a nível global trouxeram novas realidades a nível social, como a procura de mão de obra qualificada de países do leste europeu, dando origem a maior circulação de pessoas com surtos de emigração massiva para certos países da União Europeia e da América do Norte.

Estes movimentos populacionais e esta convivência pacífica entre os povos foi abalada pelos acontecimentos trágicos do 11 de Setembro de 2001. Emergiu uma menor tolerância entre povos de culturas diferentes dando origem a um certo choque civilizacional. O mundo ficou, então dividido entre o eixo do mal (apelidados pelo presidente George W. Bush os países que apoiam grupos terroristas) e um eixo do bem que sob a égide de uma super-potência decidiu actuar à margem das organizações internacionais a quem cabe zelar pela defesa dos direitos humanos e pela ordem jurídica internacional, nomeadamente a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Tribunal Penal Internacional (TPI).

É neste contexto que surgem os movimentos políticos e sociais anti-globalização capitalista liberal. Como, por exemplo, o Fórum Social Mundial que é “o conjunto de iniciativas de troca transnacional entre movimentos sociais e ONGs onde se articulam lutas sociais de âmbito local, nacional ou global travadas (de acordo com a Carta de Princípios de Porto Alegre) contra todas as formas de opressão geradas ou agravadas pela globalização neoliberal.” (Santos, 2005: 17)

Fonte:

Ana Cristina Ferreira

CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais www.ciari.org

(Adaptado)